

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA**

BRUNO ALESSANDRO DE MELLO ALVES

**UM ESTUDO DE CASO HISTÓRICO-DOCUMENTAL SOBRE UM PROFESSOR DE
EDUCAÇÃO FÍSICA FORMADO NA ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA
DÉCADA DE 1970**

Porto Alegre

2017

BRUNO ALESSANDRO DE MELLO ALVES

**UM ESTUDO DE CASO HISTÓRICO-DOCUMENTAL SOBRE UM PROFESSOR DE
EDUCAÇÃO FÍSICA FORMADO NA ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA
DÉCADA DE 1970**

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como requisito final para obter o Título de
Licenciado em Educação Física pela
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
– UFRGS.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Janice Z. Mazo

Porto Alegre

2017

AGRADECIMENTOS

Agradeço minha família: meus pais, Jaqueline Morgana de Mello e Sandro Souza Alves, minha irmã, Deborah de Mello Alves por todo o apoio, ajuda e incentivo para superar as inúmeras dificuldades enfrentadas ao longo desses anos. Sou grato pelo incentivo, orações e ensinamentos dos meus avós maternos e paternos, Blondina da Rosa de Mello e Altamiro Rodrigues, Vera Souza Alves, e minha tia avó materna Lilian, por sempre orar e desejar o melhor para mim.

São muitas as pessoas que gostaria de agradecer e tenho receio de não conseguir contemplar todas. Agradeço minha madrinha Elaine Beatriz Pasqualim por todo o incentivo, auxílio, cuidado e carinho. Agradeço minha vizinha, praticamente minha avó, Dona Teresinha Rejane, professora aposentada, que desde pequeno incomodava ela para me ajudar nos trabalhos da Escola, até aprender a estudar sozinho. Agradeço minha outra vizinha, também avó de coração, Dona Clarinha Valério e seu falecido marido, grande amigo Valério Canappelle, por cuidarem tanto de mim quanto de minha família.

Agradeço minha Namorada Priscilla Rodrigues Pereira, por todo o carinho, paciência, incentivo, por toda a paz que me traz, me completando como pessoa. A vida nunca foi fácil, mas ao teu lado sei que nunca mais estarei sozinho.

Agradeço pelos irmãos que fiz no ensino médio e terei por toda a vida, Luiz Nei Moreira Dornelles e Richard de Azevedo Dornellas, nos bons e maus momentos sempre estiveram lá para superar tudo. Ao longo deste curso fiz grandes amizades que também levarei para toda esta vida: Alvaro Rogério Alves, Tiago de Mattos Braga, Rafael Goulart, Rogerson Bastos e Andrew da Rosa. Agradeço meu grande amigo Marcos Rodrigo Blanco Machado, por termos superado todos os embates ao longo do curso de Educação Física da UFRGS. Agradeço minhas queridas colegas, grandes professoras, Cintia Guimarães e Simone Kuhn, por todo o auxílio, o saneamento de dúvidas e o incentivo em continuar no curso.

Agradeço a professora Janice Z. Mazo, por ter me aceitado e orientado na elaboração deste trabalho.

Agradeço todos os professores que contribuíram para minha formação, para minha educação, do jardim até o ensino superior. Alguns destes docentes ainda encontro e tenho orgulho de dizer que graças a eles, sou professor também.

“Rommel, seu magnífico bastardo, eu li o seu livro!”

– George S. Patton.

RESUMO

Ao estudar a história nos deparamos com o que as pessoas foram e fizeram, e isso nos ajuda a entender melhor o mundo em que vivemos, compreender o que podemos ser e realizar. O objetivo geral do estudo é descrever a formação acadêmica de um professor de Educação Física (EFI) formado na Escola Superior de Educação Física (ESEF) da UFRGS, na década de 1970. Para tanto, foram elaborados os seguintes objetivos específicos: a) Descrever a trajetória do professor; b) Apresentar características gerais da ESEF no período em que o professor realizou sua formação no curso de Educação Física; c) Identificar quais eram os procedimentos didático-pedagógicos na ESEF naquela época. A pesquisa foi desenvolvida por meio de um estudo de caso histórico-documental. Além da revisão bibliográfica sobre o assunto foi gravada e transcrita uma entrevista com o professor e foram consultados documentos como, por exemplo, o currículo do professor, para conhecermos sua trajetória, antes, durante e após frequentar a ESEF/UFRGS. A análise das fontes revelou que o professor Pinheiro teve forte vínculo com os esportes e estava familiarizado com a competição esportiva. Um professor que tem uma trajetória de vida venerável, com envolvimento e participação em diversas áreas da EFI, seja como atleta, professor, técnico ou em funções administrativas. Tendo em vista a época de sua formação, anos 1970, quando a ESEF recém tinha sido federalizada, observaram-se algumas características da formação acadêmica/profissional na época marcada pela forte influência militar e médica. Por meio do estudo da trajetória do professor, também podemos perceber a importância de sempre buscar o aprimoramento profissional. Possuir vínculos e credibilidade com as pessoas podem levar a excelentes oportunidades.

Palavras-chave: História da Educação Física. Formação de Professores. ESEF.

Lista de Figuras

Figura 1 – Mapa ESEF após Investimentos.....	20
Figura 2 – Aula de natação com professor “Peixinho” na piscina da ESEF.....	27
Figura 3 – Aula de Atletismo com Professor Fredolino Taube. Década 1970	28
Figura 4 – Aula de Ginástica de Solo ministrada Professor Saul.....	29
Figura 5 – Aula de Ginástica Geral Feminina. Década de 1970.....	30

Lista de Siglas

CETE	Centro Estadual de Treinamento Esportivo
CPOR	Centro Preparatório de Oficias da Reserva
EFI	Educação Física
ESEF	Escola Superior de Educação Física
JEBS	Jogos Escolares Brasileiros
JUBS	Jogos Universitários Brasileiros
LAPEX	Laboratório de Pesquisa do Exercício
MEC	Ministério da Educação e Cultura
PCNs	Parâmetros Curriculares Nacionais
RS	Rio Grande do Sul
SOGIPA	Sociedade de Ginástica de Porto Alegre
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UNIPAMPA	Universidade dos Pampas
UNISINOS	Universidade do Vale do Rio dos Sinos

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	8
2	REVISÃO DE LITERATURA.....	10
2.1	A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR BRASILEIRA.....	10
2.2	CONCEPÇÕES PEDAGÓGICAS E A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR ATUAL.....	12
2.3	ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA DÉCADA DE 1970..	16
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	21
4	ANÁLISE DE INFORMAÇÕES.....	24
4.1	O PERCURSO ESPORTIVO ANTES DA ESEF.....	24
4.2	O PERCURSO DURANTE A ESEF.....	26
4.2.1	Aulas na ESEF.....	26
4.2.2	Busca por Trabalho.....	31
4.2.3	Estágios Obrigatórios.....	32
4.2.4	Aprendizado Docente na ESEF.....	33
4.3	O PERCURSO PROFISSIONAL APÓS-ESEF.....	33
4.3.1	Pós-graduação na ESEF.....	35
4.3.2	As Concepções/Visões Educacionais/Pedagógicas.....	36
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
	REFERÊNCIAS.....	42
	APENDICE A - Roteiro de Entrevista.....	46
	APENDICE B - Termo de Consentimento.....	48

1 INTRODUÇÃO

Ao estudar a história nos deparamos com o que as pessoas foram e fizeram, e isso nos ajuda a entender melhor o mundo em que vivemos, compreender o que podemos ser e realizar. As informações recolhidas no passado não servirão ao presente se não forem recriadas, questionadas, compreendidas e interpretadas. Devido a importância da história, o tema da pesquisa consiste na trajetória acadêmica e profissional de um professor de Educação Física (EFI) formado na Escola Superior de Educação Física (ESEF) na década de 1970

O docente deste estudo, é o Professor Carlos Guilherme Pinheiro, formado em Educação Física pela ESEF da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), possui passagem em muitas escolas, chegando a atuar como diretor em algumas delas. Também exerceu como professor universitário de atletismo e treinamento desportivo na escola superior de educação física da FEEVALE e de Atletismo na Universidade do vale dos sinos (UNISINOS). Novamente em atletismo, professor de pós-graduação na antiga Fundação universitária de Bagé (FUNBA), esteve ministrando aulas de Educação Física efetivamente de 1972 até 2003 quando assumiu a coordenação de esportes da secretária de educação do Rio Grande do Sul. Como atleta de atletismo, foi detentor da primeira medalha de ouro da história do Rio Grande do Sul (RS) nos Jogos Escolares Brasileiros (JEBS). Um Professor que possui uma vasta experiência com a Educação Física ao longo das décadas, tendo muitas informações para contribuir neste estudo.

Na realização do meu estágio não obrigatório no Centro Estadual de Treinamento Esportivo (CETE), conheci o professor Pinheiro e sua história. O docente sempre narrava fatos interessantes e curiosos sobre a ESEF concernentes ao tempo em que realizou o curso de Educação Física, mostrando um contexto, uma realidade diferente da atual. Desta forma surgiu o interesse de transformar esses fatos em material acadêmico para que não sejam esquecidos com o tempo, e a preservação da memória da ESEF/UFRGS. Sempre tive interesse em história, se não fosse me graduar em Educação Física, teria realizado o curso de História pela UFRGS, acho intrigante examinar os acontecimentos e situações que ocasionam os desfechos que nos levam aonde nos encontramos no presente momento.

O Brasil no final do século XX, encontrava-se no regime militar, e a Educação Física Escolar tinha o cunho de ferramenta para propaganda do governo, o qual enfatizava a formação de turmas de treinamento para variadas modalidades esportivas, a preparação física e as competições. A Educação Física da época se pautava na busca pelo desempenho esportivo e pela vitória. A ideia era que as aulas seriam ministradas com o objetivo de formar atletas e as turmas, que eram divididas pelo sexo, deveriam ser compostas por alunos/alunas que tinham condições físicas semelhantes, o que possibilitaria competição equilibrada (GERMANO, 1994).

O governo da época acreditava que o esporte deveria ser aprendido na escola, e que lá seria formada a base da pirâmide em cujo topo estaria os nossos campeões. Como parte dessa política de formação de atletas, tinham estes a prioridade na concessão de poucas bolsas de estudo (GHIRALDELLI, 1988).

O vasto conjunto de práticas corporais passíveis de serem abordadas e desenvolvidas nas aulas de EFI resumia-se à prática de algumas modalidades esportivas. As práticas escolares de EFI passaram a ter como fundamento primeiro a técnica esportiva, o gesto técnico, a muita repetição desse gesto, tornando o ensinamento algo mecânico, enfim, a redução das possibilidades corporais a algumas poucas técnicas estereotipadas (OLIVEIRA, 2002).

Diante destas considerações, o objetivo geral do estudo é descrever a formação acadêmica de um professor de Educação Física (EFI) formado na Escola Superior de Educação Física (ESEF) da UFRGS, na década de 1970. Para tanto, foram elaborados os seguintes objetivos específicos: a) Descrever a trajetória do professor; b) Apresentar características gerais da ESEF no período em que o professor realizou sua formação no curso de Educação Física; c) Identificar quais eram os procedimentos didático-pedagógicos na ESEF naquela época.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Neste tópico, exponho a revisão de literatura, a partir de temas que considerei pertinentes para o desenvolvimento deste estudo. Com a finalidade, de maneira geral, apresentar as transformações da EFI Escolar no Brasil, concepções pedagógicas e a EFI Escolar atual e contextualizar como era a ESEF na década de 1970, através dos relatos de professores que cursaram nesse período.

2.1 A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR BRASILEIRA

A Educação Física¹ tal qual a conhecemos hoje expressa a forma como os seres humanos se relacionam no modo societário capitalista. As modificações do seu conteúdo e da forma de aplicá-los, bem como suas disposições legais, tendem a obedecer à lógica das mudanças dessa organização social, ou seja, a medida que a sociedade é transformada pelos homens, transforma-se a forma da educação física (MELLO, 2009).

A Educação Física no Brasil, desde o século XIX, foi desenvolvida pelos militares com o objetivo de formar indivíduos fortes, saudáveis que eram indispensáveis para o processo de desenvolvimento do país (DARIDO, 2012). Na primeira fase do Brasil República, a partir de 1920, outros estados da Federação, além do Rio de Janeiro, começaram a realizar suas reformas educacionais e, começaram a incluir a Ginástica na escola (BETTI, 1991). Além disso, ocorre a criação de diversas escolas de Educação Física, que tinham como objetivo principal a formação militar (RAMOS, 1982). No entanto, é a partir da segunda fase do Brasil República, após a criação do Ministério da Educação e Saúde, que a Educação Física começa a ganhar destaque perante aos objetivos do governo. Nessa época, a Educação Física é inserida na constituição brasileira e surgem leis que a tornam obrigatória no ensino secundário (RAMOS, 1982).

Na intenção de sistematizar a ginástica dentro da escola brasileira, surgem os métodos ginásticos (gímnicos). Oriundos das escolas sueca, alemã e francesa, esses métodos conferiam à Educação Física uma perspectiva higienista e militarista, na qual o

¹ Educação física é uma expressão que surge no século XVIII, em obras de filósofos preocupados com a educação. A formação da criança e do jovem passa a ser concebida como uma educação integral – corpo, mente e espírito –, como desenvolvimento pleno da personalidade. A educação física vem somar-se à educação intelectual e à educação moral. Essa adjetivação da palavra educação demonstra uma visão ainda fragmentada do homem. (BETTI; ZULIANI, 2002)

exercício físico deveria ser utilizado para aquisição e manutenção da higiene e saúde, valorizando o desenvolvimento físico e moral, que seria o Higienismo, e a preparação dos indivíduos fisicamente para o combate militar, que seria o Militarismo (DARIDO; RANGEL, 2005). Ambas as concepções higienista e militarista da Educação Física consideravam a Educação Física como disciplina essencialmente prática, não necessitando, portanto, de uma fundamentação teórica que lhe desse suporte (DARIDO, 2012).

No Período que compreende pós 2ª Guerra Mundial, até meados da década de 1960, a Educação Física nas escolas mantinha o caráter gímnico e calistênico do Brasil república (RAMOS, 1982). Com a tomada do Poder Executivo brasileiro pelos militares (em 1964, início do período do Regime Militar), ocorreu um crescimento abrupto do sistema educacional, onde o governo planejou usar as escolas públicas e privadas como fonte de programa do regime militar (DARIDO; RANGEL, 2005).

Naquela época o governo investia muito no esporte, buscando fazer da Educação Física um sustentáculo ideológico, a partir do êxito em competições esportivas de alto nível, eliminando assim críticas internas e deixando transparecer um clima de prosperidade e desenvolvimento (DARIDO; RANGEL, 2005). Fortalece-se então a ideia do esportivismo, no qual o rendimento, a vitória e a busca pelo mais hábil e forte estavam cada vez mais presentes na Educação Física. Dentre uma das importantes medidas que impactaram a Educação Física no período contemporâneo, está a obrigatoriedade da Educação Física/Esportes no ensino superior, por meio do decreto lei no 705/69, de 25 de julho de 1969² (Brasil, 1969).

Desta forma, o esporte era utilizado como um elemento de distração à realidade política da época. Ademais, a Educação Física/Esportes no ensino superior era considerada uma atividade destituída de conhecimentos e estava relacionada ao fazer pelo fazer, voltada a formação de mão de obra apta para a produção (DARIDO; RANGEL, 2005). No entanto, o modelo Esportivista, também chamado de mecanicista, tradicional e tecnicista, começou a ser criticado, principalmente a partir da década de 1980. Entretanto, essa concepção Esportivista ainda está presente na sociedade e na escola atual (DARIDO; RANGEL, 2005).

² Art 1º O artigo 22 da Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961, passa a vigorar com a seguinte redação: "Será obrigatória a prática da educação física em todos os níveis e ramos de escolarização, com predominância esportiva no ensino superior." (Brasil, 1969).

Durante a década de 1980, a resistência à concepção biológica da Educação Física, foi criticada em relação ao predomínio dos conteúdos esportivos (DARIDO; RANGEL, 2005). Atualmente, coexistem na Educação física, diversas concepções, modelos, tendências ou abordagens, que tentam romper com o modelo mecanicista, Esportivista e tradicional que outrora foi embutido aos esportes. Entre essas diferentes concepções pedagógicas pode-se citar: a psicomotricidade; desenvolvimentista; saúde renovada; críticas; e mais recentemente os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997).

2.2 CONCEPÇÕES PEDAGÓGICAS E A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR ATUAL

Neste tópico irei abordar de maneira objetiva as principais concepções pedagógicas emergentes no período de formação e atuação do professor deste estudo. Para que desta forma possamos observar se alguma destas didáticas se relacionam com os métodos de ensino do docente Pinheiro.

A perspectiva **Esportivista**, também denominada de tradicional, tecnicista, competitivista, e até mecanicista, se constituiu em uma visão predominante da Educação Física nas décadas de 1970, 1980 e 1990, e ainda bastante presente nos dias atuais. É o modelo de ensino que ocorria durante a formação acadêmica do professor deste estudo. É nesta fase da história que o rendimento, a seleção dos mais habilidosos, “o fim justificando os meios” está mais presente no contexto da Educação Física na escola (DARIDO, 2012). Os procedimentos empregados são extremamente diretivos, o papel do professor é bastante centralizador e a prática configura-se como uma repetição mecânica dos movimentos esportivos (DARIDO, 2012). O professor de Educação Física passou a assumir o papel de preparador físico, tornou-se um "disciplinador por excelência" (OLIVEIRA, 1983, p. 97). Características gerais desta Concepção de ensino: Realizar práticas/exercícios sem a reflexão/saber o porquê de estarem realizando tais práticas; Exclusão de alunos menos habilidosos ou fisicamente incapazes; Treinos Repetitivos e fragmentados de Fundamentos, reduzindo o tempo do jogo propriamente; Objetivo das aulas era a participação dos alunos em competições esportivas, cujo o único fim é vencer; O processo avaliativo através de testes de desempenho das capacidades físicas dos alunos.

A concepção pedagógica **psicomotricidade**, foi divulgada inicialmente em programas de escolas “especiais”, voltada para o atendimento de alunos com deficiência motora e intelectual (DARIDO; RANGEL, 2005). É um movimento que surgiu na década de 1970, em oposição aos modelos pedagógicos anteriores. A concepção psicomotricidade tem como objetivo o desenvolvimento psicomotor, extrapolando os limites biológicos e de rendimento corporal, incluindo e valorizando o conhecimento de ordem psicológica. Para isso a criança deve ser constantemente estimulada a desenvolver sua lateralidade, consciência corporal e a coordenação motora (DARIDO; RANGEL, 2005). Carmem Soares (1996) afirma que na psicomotricidade, o objetivo da Educação Física é com o desenvolvimento da criança, com o ato de aprender, com os processos cognitivos, afetivos e psicomotores, ou seja, buscava garantir a formação integral do aluno. No entanto, sua abordagem pedagógica tende a valorizar o fazer pelo fazer, não evidenciando o porquê de se fazer e como o fazer.

Já o modelo **desenvolvimentista** por sua vez, busca propiciar ao aluno condições para que seu comportamento motor seja desenvolvido, oferecendo-lhe experiências de movimentos adequados às diferentes faixas etária. Neste modelo pedagógico, cabe aos professores observarem sistematicamente o comportamento motor dos alunos, no sentido de verificar em que fase de desenvolvimento motor eles se encontram, localizando os erros e oferecendo informações relevantes para que os erros sejam superados (DARIDO; RANGEL, 2005). Para a abordagem desenvolvimentista, a Educação Física deve proporcionar ao aluno condições para que seu comportamento motor seja desenvolvido através da interação entre o aumento da diversificação e a complexidade dos movimentos. Assim, o principal objetivo da Educação Física é oferecer experiências de movimento adequadas ao seu nível de crescimento e desenvolvimento, a fim de que a aprendizagem das habilidades motoras seja alcançada. A criança deve aprender a se movimentar para adaptar-se às demandas e exigências do cotidiano em termos de desafios motores (DARIDO, 2003).

A perspectiva pedagógica **saúde renovada**, diferentemente das citadas anteriores, tem por finalidade convicta e às vezes única, de ressaltar os aspectos conceituais acerca da importância de se conhecer, adotar e seguir conceitos relacionados à aquisição de uma boa saúde (DARIDO; RANGEL, 2005). As práticas de atividade física vivenciadas na infância e adolescência se caracterizam como importantes atributos no desenvolvimento de atitudes, habilidades e hábitos que podem auxiliar na adoção de um estilo de vida ativo

fisicamente na idade adulta. Os autores que defendem essa concepção pedagógica consideram que as atividades esportivas são menos interessantes para a promoção da saúde, primeiro devido à dificuldade no alcance das adaptações fisiológicas e segundo porque não prediz sua prática ao longo de toda a vida (DARIDO, 2003).

Na Abordagem dos **Jogos Cooperativos**, a perspectiva para a Educação Física na escola está pautada sobre a valorização da cooperação em detrimento da competição. Para Brotto (1995) o uso dos jogos cooperativos como uma força transformadora, oferecendo como alternativa os jogos cooperativos, que são divertidos para todos e todos têm um sentimento de vitória, criando alto nível de aceitação mútua, enquanto os jogos competitivos são divertidos apenas para alguns, a maioria tem sentimentos de derrota e é excluída por falta de habilidades. Uma proposta que tem por finalidade a transmissão de valores humanos e a inclusão, espaços de criação simbólica do povo, espaços onde, a partir da cooperação, dão-se os sentidos a prática que realizamos (DARIDO, 2003).

Para se opor ao tecnicismo da Educação Física escolar, alguns autores elaboram uma proposta de mudanças para a área regida pelo marxismo. As abordagens Pedagógicas **Críticas**, também denominadas progressivas, exigem do professor de Educação Física uma visão da realidade de forma mais política (FERREIRA; SAMPAIO, 2013). Combatem a alienação dos alunos e defendem uma postura de superação das injustiças sociais, econômicas e políticas. Dentre essas abordagens podemos citar a abordagem Crítico-superadora e a Crítico-emancipatória (DARIDO, 2001).

A abordagem Crítico-Superadora, instiga a reflexão sobre questões de poder, interesse, esforço e contestação. Analisa que não se deve apenas explicar como ensinar, mas sobretudo, como se adquire conhecimento, e dentro deste contexto, respeita os aspectos sócio-culturais dos alunos (FERREIRA; SAMPAIO, 2013). Acredita que qualquer consideração sobre a pedagogia mais apropriada deve versar não somente sobre questões de como ensinar, mas também sobre como adquirimos esses conhecimentos, valorizando a questão da contextualização dos fatos e do resgate histórico (DARIDO, 2003).

Na abordagem Crítico-Emancipatória, busca um ensino, através da Educação Física, de libertação de falsas ilusões, interesses e desejos criados por uma mídia com interesses capitalistas (DARIDO, 2001). A Crítico-Emancipatória também afirma que a linguagem tem papel importante no agir comunicativo e funciona como uma forma de expressão de entendimentos do mundo social, para que todos possam participar em

todas as instâncias de decisão, na formulação de interesses e preferências e agir de acordo com as situações e condições do grupo em que se está inserido e do trabalho no esforço de conhecer, desenvolver e apropriar-se de cultura (DARIDO, 2003).

Em 1996, com a reformulação dos **Parâmetros Curriculares Nacionais** (PCNs), é ressaltada a importância da articulação da Educação Física entre o aprender a fazer, o saber por que se está fazendo e como relacionar-se nesse saber, explicitando as dimensões dos conteúdos procedimental, conceitual e atitudinal, respectivamente. (BRASIL, 1997). Nos PCNs, a Educação e Educação Física, requerem que questões sociais emergentes sejam incluídas e problematizadas no cotidiano da escola buscando um tratamento didático que contemple sua complexidade e sua dinâmica, no sentido de contribuir com a aprendizagem, a reflexão e a formação do cidadão crítico (DARIDO, 2003). Os PCNs buscam a contextualização dos conteúdos da Educação Física com a sociedade que estamos inseridos, devendo a Educação Física ser trabalhada de forma interdisciplinar, transdisciplinar e através de temas transversais, favorecendo o desenvolvimento da ética, cidadania e autonomia (DARIDO; RANGEL, 2005).

A Educação Física no decorrer de seu processo histórico, de maneira geral, assumiu diversas tendências. Porém, todas elas objetivavam dois pontos em comum: 1) a consciência corporal (pelo exercício físico, identidade relacionada a ordem moral e cívica, melhoria na força de trabalho, controle do comportamento com vistas à saúde pública, preparação de mão de obra fisicamente adestrada e capacitada, recuperação e manutenção da força de trabalho); 2) manipulação ideológica (relacionada a segurança e defesa da pátria com a colaboração civil por meio do esporte, senso de superioridade, obediência, consciência, homogeneização das mentes, transmissão de certos valores sobre a população, caráter e qualidades mínimas de um bom membro de família e bom cidadão, preparação vocacional) (CHAGAS, 2011).

Para Gonzáles e Fensterseifer (2009), a EF Escolar encontra-se em um momento histórico no qual o modelo esportivista e voltado para o desenvolvimento da aptidão física não é mais aceito, mas ainda não se sabe ao certo como desenvolver os conteúdos da Cultura Corporal do Movimento³. Entre o 'não mais' e o 'ainda não' é a expressão utilizada pelos autores para caracterizar este momento da Educação Física escolar. O maior

³ Conteúdo da EFI Escolar: O esporte, as ginásticas, a dança, as artes marciais, as práticas de aptidão física (BETTI; ZULIANI, 2002); jogos; lutas; danças; ginásticas; esportes; conhecimentos sobre o corpo (FENSTERSEIFER, 2012).

desafio é propagar a ideia de que a Educação Física possui conteúdos a serem trabalhados e uma lógica de progressão a seguir, principalmente para os professores que continuam trabalhando no 'não mais' e tem dificuldade de pensar e desenvolver o 'ainda não' tão necessário (GONZÁLES; FENSTESEIFER, 2009).

A Educação Física Escolar deve se preocupar com assuntos abordados pela Cultura Corporal do Movimento, desenvolvendo ações que levam os alunos à reflexão sobre as atividades propostas, não se limitando somente à prática, mas fazendo com que ocorram momentos durante as aulas em que a parte teórica adquira grande importância. De acordo com Betti e Zuliani (2002), a EFI deve assumir a responsabilidade de formar um cidadão capaz de posicionar-se criticamente diante das novas formas da cultura corporal de movimento; capaz de entender e vivenciar o seu aprendizado; capaz de produzir mudanças de comportamento e de assumir novas atitudes.

2.3 ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA DÉCADA DE 1970

O contexto do Brasil durante o regime militar, a EFI passou a ser reconhecida como uma área relevante pois mantinha estreita ligação com o desenvolvimento da aptidão física e do esporte. A primeira, porque era considerada importante para a capacidade produtiva da nação (da classe trabalhadora) e o segundo, “pela contribuição que traria para afirmar o país no concerto das nações desenvolvidas (Brasil Potência) e pela sua contribuição para a primeira, ou seja, para aptidão física da população” (BRACHT, 1999, p. 87). Com isso, surgiu a necessidade e um consequente investimento na formação de profissionais de educação física, utilizando a federalização de algumas Escolas Superiores de Educação Física do País para a tentativa de uma maior qualidade na formação dos professores de educação física.

Em 1969, a ESEF, então vinculada à administração do estado do RS, passou a integrar a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pelo decreto nº 997, de 21 de outubro de 1969⁴. Esse processo ficou conhecido pela expressão “Federalização da Escola” (NUNES; MOLINA NETO, 2005). O governo do estado tinha grande interesse em

⁴ Art. 1º A Escola de Educação Física de Minas Gerais, a Escola Superior de Educação Física do Rio Grande do Sul e a Escola de Serviço Social de Natal ficam, para todos os efeitos, incorporadas, respectivamente, às Universidades Federais de Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Rio Grande do Norte (BRASIL, 1969).

que a Escola passasse para o Governo Federal, pois, esta pesava muito em seu orçamento. O Governo Estadual tinha dificuldades de fornecer à ESEF, às condições materiais objetivas necessárias para seu funcionamento, onde ocorria a necessidade dos funcionários comprarem materiais básicos para o andamento das atividades da instituição. A escola era um “peso” para o Governo Estadual da Época (NUNES; MOLINA NETO, 2005).

Foi então, somente em 16 de setembro de 1970, que foram assinados os atos formais do processo de federalização. Segundo Gutierrez (1971, p. 2):

[...] a federalização vem a surgir pelo decreto nº 997, de 21 de outubro de 1969, assinado pelos três ministros militares no exercício da Presidência, Sendo o ministro da educação o Deputado Tarso Dutra. Em 16 de setembro de 1970, em emocionante histórica cerimônia no Ginásio de Esporte, com a presença do ministro de educação – Prof. Cel. Jarbas Passarinho, do governador do Estado – Cel Walter Perachi de Barcelos, do secretário da Educação e Cultura – Dr. Luiz Lesseigneur de Farias, Magnífico Reitor da UFRGS – Prof. Eduardo Z. Faraco e de outras altas autoridades, foram assinados os atos finais de passagem da ESEF do âmbito Estadual para o Federal.

Diante do contexto histórico vivido no país, no qual há ascensão do fenômeno esportivo, A ESEF começa a construir sua estrutura para condições à formação dos professores de Educação Física e suprir as demandas exigidas pela Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 1961, que fixa a obrigatoriedade da Educação Física nos ensinos primário e secundário, e da reforma universitária de 1968, que torna obrigatório a prática da Educação Física, também, no ensino superior (NUNES; MOLINA NETO, 2005).

A Lei nº 5.540/68, é a Lei de Reforma Universitária (BRASIL, 1968), que entre as inovações desta reforma, estavam a implementação dos exames vestibulares classificatórios, a instituição do sistema de créditos e matrícula por disciplina, a organização semestral, flexibilidade na organização curricular, extinção da cátedra (substituída pelo sistema departamental), reestruturação administrativa, perda de autonomia e controle externo das faculdades, instituição de programas de Pós-graduação (Mestrado e Doutorado), e outros (NUNES; MOLINA NETO, 2005).

No decorrer da Década de 1970, a ESEF sofreu muitas modificações em sua estrutura organizacional, na financeira e em seu espaço física também. Foram criados o Centro Olímpico, órgão cujo objetivo era gerir o desporto universitário da UFRGS e, posteriormente, o Laboratório de Pesquisa do Exercício com o intuito de melhorar o desempenho esportivo dos atletas brasileiros (CARVALHO, 2010).

Segundo professor Adroaldo Gaya (2005, p. 1-3), Ingresso na Escola em 1971 na turma da manhã, afirma que o curso de Educação Física da ESEF:

Naquele tempo o curso tinha três anos [...] Tinha um turno de manhã e um turno à tarde [...] Era um curso aonde a disciplina era rígida, onde tinha os uniformes, onde tinha as filas e ordem unida, essas coisas todas que eram muito comuns naquela época [...] As aulas esportivas eram basicamente: basquete, voleibol. Naquele tempo tinha boxe também, tinha remo, tinha esgrima. Então fomos reproduzindo os esportes numa versão bem técnica, vamos dizer. Aprender a jogar, aprender arbitragem. [...] Tinha as teóricas que eram anatomia, fisiologia, dadas por médicos normalmente [...] Eu acho que o perfil é basicamente é esse. Um professor meio militar assim, disciplinado, técnico. Mais do que um professor no sentido mais amplo, era esse técnico, tinha que ser um exemplo de postura... Enfim, um disciplinador, mais ou menos, eu percebo assim.

Este último trecho fazendo referência ao perfil de professor que ministrava aulas na ESEF naquele tempo.

O professor Brauner (2007, p. 2), ingresso também em 1971, no turno da tarde, colega do professor deste estudo, recorda que ao entrar na faculdade “No primeiro dia que tu te apresentavas, recebias um saco, uma sacola com o logotipo da Escola e tal, toalha, sabonete, chinelos, um armário numerado com chave, decalques, flâmulas, camiseta da Escola, tudo isso.”. Brauner (2007, p. 3) também recorda que alguns dos alunos ingressos já tinham ideia fixa de fazer carreira acadêmica, entretanto, “A grande maioria, queria mais ir para as escolas. A escola era o grande lance, diferente de hoje, tu tens um trabalho principal e pode ser que tu pegues uma escola como bico.”. Ainda Brauner (2007, p. 5) a antiga pista de atletismo da ESEF

“Ficava onde são as salas de aula hoje, lá no fundo e tem um plano inclinado, que, desde aquele tempo, já existia, Ali a gente fazia treino para salto com vara, travava as taquaras no negócio e pulava, era muito interessante, tinha uma pista de carvão, pequeninha, reduzia e ali a gente fazia as aulas de atletismo”.

Molina Neto (2008, p. 5) fala sobre a antiga pista: “[...] nós fazíamos atletismo ali onde estão as salas de aula hoje. Tinha um pequeno campinho de futebol sete e havia uma pista circular em torno dele de 200 ou 250 metros. Era uma coisa muito simples, era de carvão, era algo.”.

O tipo de vínculo que existia no aluno ingresso da ESEF na década de 1970 com a Educação Física, era que a maior parte destes alunos estavam relacionados com o esporte, “[...] Estava Cheio de ex-atletas aqui [...] No passado, o que era, mais ou menos,

na minha geração, quem entrava na Educação Física é porque estava vinculado com algum esporte.” (STIGGER, 2010, p. 1). O tipo de aluno era

[...] aquele perfil de sujeito que tinha alguma afinidade com algum esporte. Era um sujeito que já tinha uma vivência esportiva em algum lugar, em alguma instituição e que então, vinha para a Escola de Educação Física para legitimar esse perfil que ele já tinha e adquirir mais, um pouco mais. Naquela época, a gente era preparado para ser técnico desportivo, ir para as escolas formar times [...]” (MOLINA NETO, 2008, p. 6).

Em relação a estrutura da ESEF da década de 1970, o professor Molina Neto (2008, p. 5), ingresso em 1972, relata que “Não havia nada. O que havia da ESEF era esse ginásio aqui onde nós estamos e aquele centro, aquela parte ali do centro administrativo. O resto não existia nada. [...] onde está o LAPEX, existiam quadras de tênis [...]”. Em 1975, ano que o professor Stigger (2010, p. 3) ingressou na ESEF, ele afirma que

Aquela sala de administração já existia, mas todo o andar de cima que tem o pós-graduação eram salas de aulas [...] Aquela parte de baixo das salas de aula não existia, a biblioteca não existia, a biblioteca era lá em cima, era uma coisa ridícula, bem pequenininha. A piscina, o centro Natatório, não existia. A piscina era na frente de onde hoje é o Diretório Acadêmico, uma piscina aberta de 12x8 metros, o famoso tanque.

Petersen (2008, p.14) afirma que “[...] O espaço físico quando comecei na Escola, em termos de prédios, nós tínhamos aqui esse prédio administrativo e o ginásio, era basicamente isso. E tinha um coleginho aqui atrás que nós, posteriormente, fomos tomando conta. O brisolinha, chamavam na época”.

Existia também as provas práticas que era um critério junto com o vestibular para ingressar na ESEF, esses testes práticos eram “[...] Então como nós fomos, nós fizemos para entrar aqui? Arremesso de pelota, ritmo, prova de natação, prova de corrida de fundo, salto em altura, salto em distância. Era uma série de provas [...]” (MOLINA NETO, 2008, p. 4). Já PETERSEN (2004, p. 18) recorda que:

Os testes físicos se modificaram um pouquinho ao longo do tempo. Mas, basicamente, era corrida, arremesso, natação, teste de ritmo. Normalmente alguém tocava no piano e a gente tinha que fazer vários, alguns movimentos [...] A maioria praticava esporte. Então não tinha muita dificuldade, era uma característica, a grande maioria praticava esporte [...] Os testes não tinham nenhum embasamento científico, era o que os professores na época achavam [...] era a regra do jogo e tinha que passar.

Figura 1: Mapa da Infraestrutura da ESEF após investimentos e reformas.



Fonte: MAPA... ([2016], *online*)

Podemos observar que a Federalização da Escola Superior de Educação Física foi um acontecimento positivo, pelo subsídio financeiro federal, para que desta forma a Escola passasse por reformas necessárias, compra de materiais básicos e equipamentos, criação de novas estruturas e além do “orgulho” de seus alunos pertencerem a UFRGS. De maneira geral, os discentes daquele tempo tinham um vínculo forte com o esporte, ainda mais pela necessidade de testes práticos, deixando mais seletivo o ingresso na ESEF. Apesar de não ter uma infraestrutura mais elaborada na época, a Escola era a instituição em que os alunos tinham orgulho de se identificar e estudar.

Partindo desta Contextualização histórica destes Três tópicos: “A Educação Física Escolar no Brasil”, as “Concepções Pedagógicas e Educação Física Escolar Atual”, e como era a “ESEF na década de 1970”, podemos interpretar as experiências/informações relatadas pelo professor, desta forma melhor entender sua Educação Física.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa foi desenvolvida por meio de um estudo de caso histórico-documental. Além da revisão bibliográfica sobre o assunto, foi gravada e transcrita uma entrevista⁵ com o professor Pinheiro e foram consultados documentos como, por exemplo, o currículo do docente, para conhecermos sua trajetória, antes, durante e após frequentar a ESEF/UFRGS. Na Revisão bibliográfica foi usado entrevistas de professores que cursaram a ESEF na década de 1970, estas entrevistas foram feitas pelo Centro de Memória do Esporte da ESEF/UFRGS.

Na pesquisa qualitativa, o cientista é ao mesmo tempo o sujeito e o objeto de suas pesquisas. O desenvolvimento da pesquisa é imprevisível. O conhecimento do pesquisador é parcial e limitado. O objetivo da amostra é de produzir informações aprofundadas e ilustrativas: seja ela pequena ou grande, o que importa é que ela seja capaz de produzir novas informações (DESLAURIERS, 1991, p. 58).

A pesquisa descritiva exige do investigador uma série de informações sobre o que deseja pesquisar. Esse tipo de estudo pretende descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade (TRIVIÑOS, 1987). Ainda este autor (1987, p. 112), afirma que os estudos descritivos podem ser criticados porque pode existir uma descrição exata dos fenômenos e dos fatos. Estes fogem da possibilidade de verificação através da observação. Ainda para o autor, às vezes não existe por parte do investigador um exame crítico das informações, e os resultados podem ser equivocados; e as técnicas de coleta de dados, como questionários, escalas e entrevistas, podem ser subjetivas, apenas quantificáveis, gerando imprecisão.

Um estudo de caso pode ser caracterizado como um estudo de uma entidade bem definida como um programa, uma instituição, um sistema educativo, uma pessoa, ou uma unidade social. Visa conhecer em profundidade o como e o porquê de uma determinada situação que se supõe ser única em muitos aspectos, procurando descobrir o que há nela de mais essencial e característico. O pesquisador não pretende intervir sobre o objeto a ser estudado, mas revelá-lo tal como ele o percebe. O estudo de caso pode decorrer de acordo com uma perspectiva interpretativa, que procura compreender como é o mundo do

⁵ Para os que praticam essa modalidade, a história oral significa principalmente criar e organizar documentos transcritos, procedentes de entrevistas gravadas. Consiste em recolher testemunhos orais e assim constituir arquivos. Isso servirá de apoio para o historiador contemporâneo (MATOS; SENNA, 2011).

ponto de vista dos participantes, ou uma perspectiva pragmática, que visa simplesmente apresentar uma perspectiva global, tanto quanto possível completa e coerente, do objeto de estudo do ponto de vista do investigador (FONSECA, 2002, p. 33).

a) Instrumento de coleta de dados

A construção desta pesquisa é baseada no depoimento oral do professor. A coleta de dados foi feita através de uma entrevista com um roteiro (Apêndice A) previamente elaborado. Desta forma, organiza-se de forma semi-estruturado, com questões que permitam ao entrevistado e o entrevistador dialogar sobre a trajetória do professor e as aulas de Educação Física.

A história oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos (THOMPSON, 1992, p. 17).

Entrevista constitui uma técnica alternativa para se coletarem dados não documentados sobre determinado tema. É uma técnica de interação social, uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca obter dados, e a outra se apresenta como fonte de informação. A entrevista pode ter caráter exploratório ou ser uma coleta de informações. A de caráter exploratório é relativamente estruturada; já a de coleta de informações é altamente estruturada (GERHARDT; SILVERA, 2009).

Na entrevista semiestruturada, o pesquisador organiza um conjunto de questões (roteiro) sobre o tema que está sendo estudado, mas permite, e às vezes até incentiva, que o entrevistado fale livremente sobre assuntos que vão surgindo como desdobramentos do tema principal (GERHARDT; SILVERA, 2009).

b) Tratamento de dados

A entrevista foi gravada e os dados desta entrevista foram transcritos com pequenos ajustes para melhor interpretação na leitura. Tentando almejar as informações pertinentes para responder os questionamentos feitos, para que desta forma sejam analisadas e interpretadas as informações coletadas. As informações foram dispostas/organizados em três tópicos: antes da ESEF, durante e após a ESEF.

c) Sujeitos da pesquisa

O indivíduo desta pesquisa é o professor Carlos Guilherme Pinheiro, Ingresso na ESEF em 1971, a primeira turma após a federalização, formado em 1974. Professor com passagens em muitas escolas e instituições, atleta de atletismo e futsal com conquistas/vitórias. Um docente com entorno de 30 anos de experiências/memórias/informações na Educação Física, fruto de uma ESEF recém federalizada, período onde ocorria o regime militar no Brasil, e que uma característica comum dos acadêmicos da época, eram de serem atletas, terem vínculos com algum esporte. A escolha deste professor para a pesquisa, a justificativa pessoal, se encontra pela minha atuação como Professor-Estagiário no CETE, no qual conheci a história deste docente. O professor Pinheiro foi colega de indivíduos que atuaram como professores universitários na ESEF/UFRGS, no tempo de minha graduação, por este motivo acredito importante relatar a trajetória deste professor, para contextualizar/mostrar a diversidade de atuação e inserção de acadêmicos formados no mesmo período.

d) Procedimentos éticos

Após a coleta das informações, o colaborador poderá concordar ou não com a utilização do material. Após tal procedimento foi assinado um Termo de Consentimento Livre e esclarecido (Apêndice B), concedendo os direitos de divulgação do depoimento de caráter histórico e documental ao Núcleo de Estudos em História do esporte e da Educação Física.

4 ANÁLISE DE INFORMAÇÕES

Como citado anteriormente, as informações estão organizadas em três tópicos, dividindo a trajetória do professor Pinheiro em antes da ESEF, durante e após a ESEF.

4.1 O PERCURSO ESPORTIVO ANTES DA ESEF

O surgimento do interesse do professor Pinheiro pela EFI é devido a sua prática esportiva. Com entorno de 16 anos começou o seu envolvimento com atletismo. Um dia em sua escola de ensino médio, colégio São João, os alunos do grêmio estudantil promoveram uma rústica intercolegial, onde o professor quis participar, pois gostava de correr. A rústica ocorreu em um domingo e sem treinamento algum o professor Pinheiro venceu a corrida, e desta forma foi convidado, por outro aluno de uma escola diferente que participará da corrida, para treinar na SOGIPA. No clube, o Pinheiro foi apresentado ao Professor Fredolino Taube, que era um dos técnicos de atletismo da SOGIPA e futuro coordenador/ diretor da ESEF da UFRGS em 1970 (TAUBE, 2002).

No início da carreira esportiva, não havia corrida e prova, em que o professor Pinheiro não terminava em penúltimo ou em último. Com o passar do tempo, a criação de vínculos na modalidade, os treinamentos feitos pelo professor Fredolino, e depois seu futuro técnico, Luís Carlos Flores, foram surgindo efeitos, e em 69, 70, começou a ganhar. Venceu o campeonato gaúcho, na categoria juvenil, venceu todas as modalidades que participou, sendo mais adiante, convocado para participar dos JEBS. Onde o professor Pinheiro conseguiu obter a primeira medalha de ouro da história do RS nos JEBS. Pois o estado não tinha ganhado nenhuma medalha de ouro, em qualquer modalidade esportiva, coletiva ou individual.

No terceiro ano do ensino médio, o docente se inscreveu para prestar vestibular na ESEF, e por uma coincidência, no mês de outubro de 1970, no mesmo final semana em que ocorreria as provas práticas, coincidiam com a ida do professor no campeonato sul-americano representando o Brasil, a seleção brasileira. Então o professor Fredolino Taube, já diretor da ESEF, entrevistou junto a comissão docente, explicando justamente, que o professor Pinheiro estava representando a seleção brasileira naquela época, e com isto, conseguiu o aval de todos, para realizar as provas práticas sozinho tão logo que chegasse do campeonato sul-americano. O Docente conseguiu ganhar uma medalha,

justificando o pedido para o seu pedido de exceção nas provas práticas. *“Graças à Deus, os professores lá da ESEF, se dispuseram para me avaliar em um domingo de manhã, dessa forma pude me habilitar sem dificuldades para fazer a prova teórica”*.

A prova de seleção para ingresso na ESEF era dividida em duas etapas: A primeira etapa no mês de outubro para a realização da prova prática e a segunda etapa, a prova teórica no mês de janeiro, que era realizada somente pelos que foram habilitados previamente na prova prática. Os testes da etapa prática foram:

- a) natação: nadar 25m em até vinte (25) segundos;
- b) atletismo: correr 800m rasos em menos de três (03) minutos;
- c) rítmica e coordenação motora: exercícios e teste de ritmo sorteados na hora;
- d) potência e coordenação motora: lançar uma pelota de 200gr com a mão dominante acima de 50m e com a mão não-dominante a metragem de 25m;
- e) atletismo: realizar um salto em altura com a marca mínima de 1m20cm.

Indo ao encontro com o que já foi citado, anteriormente, por Molina Neto (2005) e Petersen (2004). Com estes testes práticos, a tendência do tipo de aluno que ingressava na ESEF, era de discentes que possuíam envolvimento com alguma modalidade esportiva, pois quem não tinha este vínculo, teria uma maior dificuldade de aprovar. Concordando com o que foi citado anteriormente por Stigger (2010), *“Estava cheio de ex-atletas aqui”*.

A preparação do professor Pinheiro para a prova teórica, foi feita em grupos de estudos em seu antigo colégio São João, onde a escola fornecia uma sala a noite, para que cada um dos alunos ministrasse aulas para os outros, no que tivessem maior facilidade e entendimento. *“Passei, não interessava primeiro colocado, ou segundo, ou terceiro no vestibular, o importante era passar, ingressar na universidade, gratuita. Eu que venho de origem humilde, pai comerciante, mãe professora, então foi uma grata satisfação ter aprovado”*.

4.2 O PERCURSO NA ESEF

Para a realização da matrícula na ESEF, onde as aulas iniciavam em março de 1971, os aprovados no vestibular acamparam próximo ao ginásio existente no campus (atual G1 – ginásio 1). Para que desta forma, pudessem escolher o turno, manhã ou tarde. O professor Pinheiro escolheu o turno da tarde, pois pela manhã teria que servir no Centro de Preparação de Oficiais da Reserva (CPOR). *“Fazia CPOR de manhã e estudava na ESEF de tarde, assim pude levar”*.

O professor afirma que quando a turma de 71 entrou na ESEF da UFRGS, eles entraram pensando que seria uma colônia de férias, praticar bastante esportes, era o que eles queriam. *“Adorava mais aula prática do que aula teórica. Aula teórica era muito chata, mas tinha que se aprender. A gente foi dar valor depois que saímos daquilo lá”*. Conciliando com o que afirma Brauner (2004), “Um pouco sério que eu possa ser hoje como professor, resulta do tão inconsequente que eu fui como aluno. Eu vivia a ESEF como um clube, como um lugar de... Mais do que nada, aproveitamento social e tal”.

4.2.1 Aulas na ESEF

A ESEF da UFRGS, em 1971, havia disciplina, junto com a utilização de uniformes: calção preto, camisa branca, com friso azul no braço, gola role com friso azul, meias brancas e tênis. Não tinha como fazer diferente, quem não estivesse com o uniforme, não participava das aulas, também realizavam ordem unida⁶.

Segundo o professor Pinheiro, as pessoas da ESEF eram fantásticas, a ginástica calistenica era com o professor Francisco Camargo, o “Chiquinho”. Aulas de basquete com o professor Escobar, ex-atleta campeão Escobar, também trabalhava com voleibol. Na natação, tinha o “Peixinho”, professor Jayme Werner dos Reis. *“Um expert, se não me engano, o Peixinho compete até hoje, sendo máster, chegou a ser campeão mundial de natação agora, recentemente”*. As aulas de natação na ESEF, ocorriam no chamado “poço” ou “tanque”, de 12 metros por 8 metros, com entorno de 1 metro e pouco de profundidade, houve também algumas aulas no grêmio náutico união.

⁶ Se caracteriza por uma disposição individual e consciente altamente motivada, para a obtenção de determinados padrões coletivos de uniformidade, sincronização e garbo militar (BRASIL, 2000).

Figura 2 – Aula de natação com professor “Peixinho” na piscina da ESEF.



Fonte: Acervo do Centro de Memória do Esporte da ESEF/UFRGS

As aulas de Remo, ocorriam no rio Guaíba com o professor Derick, iam entorno de 5 barcos, onde os alunos não queriam ficar no mesmo barco do professor, por causa que ele que ditava o ritmo. Quando os alunos cansavam de remar, o barco começava a balançar, ficando meio à deriva. *“Então o professor Derick perguntava: Quem de vocês está fazendo isso? Tu aí, vai trocar de lugar comigo aqui. Veja bem, o barco devia ter 40 cm de largura. O barco com 5 pessoas juntas, com o professor Derick, trocando de posição no meio do Guaíba, como é que tu acha que o barco iria ficar ?”*. O docente Pinheiro afirma que o professor Derick, tinha uma “técnica especial” para trocar de lugar no barco, ele ficava em posição de quatro apoios passando por cima dos alunos que ficavam abaixados, e o aluno escolhido para a troca fazia o mesmo no meio do Guaíba.

Havia aulas sobre a história da EFI com o professor Washington Gutierrez. Aulas também com o professor Coronel Jacintho Targa, um dos fundadores da ESEF. Pinheiro recorda que *“chegava com uma varinha, de talvez 1 metro, uma varinha de apontar no quadro negro, e quem não gostava ele batia na mesa, ou seja, no fim da aula, ele estava sempre com a varinha pela metade (risos). De tão irritado do pessoal não prestar atenção”*. Tinha aulas de Judô, onde o professor Pinheiro recorda, que um dos alunos na

demonstração de um golpe, aquele discente que sofreu o gesto, acabou desmaiando por uns instantes. Onde o professor de Judô da ESEF disse: “Levanta daí guri!”.

Figura 3 – Aula de Atletismo com Professor Fredolino Taube. Década 1970.



Fonte: Acervo do Centro de Memória do Esporte da ESEF/UFRGS.

Em anatomia, com o professor médico Costa Filho, foi uma disciplina complicada pelo fato que o professor tinha problemas de dicção, assim dificultando o entendimento de termos técnicos. Tiveram algumas aulas no “porão da faculdade de medicina”, atual Instituto de Ciências Básicas da Saúde, onde Pinheiro comunica que os alunos da ESEF realizavam incisões em cachorros, pois havia algum tipo de canil de cães de rua por ali.

Os acadêmicos sentiam-se mal com isso, junto com o forte cheiro de formol, e também havia alguns cadáveres humanos dessecados. Tiveram aulas de futebol com o mestre Mendes Ribeiro e seu assistente técnico, professor Dirceu. Professor Pinheiro afirma que tiveram dificuldades nas aulas de ginástica olímpica, com o mestre Saul. *“Uma pessoa fantástica, com uma paciência enorme, participante. Integrante da seleção brasileira em uma olimpíada na época, o professor Saul. Tínhamos que aprender: parada de mão, solo, barra, paralela, cavalo, tudo isso”.*

Figura 4 – Aula de Ginástica de Solo ministrada Professor Saul



Fonte: Acervo do Centro de Memória do Esporte da ESEF/UFRGS

As aulas de Esgrima e Boxe eram na parte de cima do prédio aonde se encontra atualmente a Comissão de Graduação da EFI. Na aula de Boxe, o professor Pinheiro por acidente, em um exercício de esquiva e soco, acaba acertando e machucando um pouco a boca de um colega. A Esgrima era com o professor Linhares, “*grande professor de Esgrima, um expert, era técnico do grêmio náutico união*”. As aulas de primeiros socorros, eram ministradas pelo professor médico Hoffmeister, onde os alunos chegaram a aprender aplicar injeções treinando com laranjas, não chegando ao ponto de injetar nas pessoas. Também havia um boneco que o professor Hoffmeister trazia, para treinarem massagem cardíaca, entre outras coisas.

Os professores da ESEF eram especialistas em suas áreas, ex-atletas campeões em suas modalidades esportivas. “*Pessoas fantásticas. Tinham muito conhecimento mesmo*”. As turmas da ESEF naquele período, eram divididas em feminino e masculino. Entretanto, havia momentos em que as turmas eram mistas, principalmente nas aulas teóricas.

Figura 5 – Aula de Ginástica Geral Feminina. Década de 1970.



Fonte: Acervo do Centro de Memória do Esporte da ESEF/UFRGS

As infraestruturas da ESEF, de acordo com as informações do professor Pinheiro, eram precárias, por exemplo, a pista de atletismo era praticamente um retângulo, sem curvas. Existia apenas o ginásio de entrada da ESEF (atual G1) para fazer voleibol e basquete, com o telhado de zinco que fazia um ruído grande quando chovia, junto com o problema de pombas. *“A ESEF não tinha muita estrutura, em questão de matérias, equipamentos, eles tinham alguma coisa. Partia da gente a criatividade para o uso de materiais”*. O LAPEX não existia naquela época.

Na época também, recorda o docente Pinheiro, que na rua Salvador França havia um hospício, próximo da ESEF, e no lugar onde tem o atual centro natatório era uma área aberta sem muros. Seguidamente fugia algum “paciente”, e vinha para ESEF correr imaginando coisas, até alguém descobrir e avisar o diretor Fredolino Taube que ligava para Brigada Militar. *“E vinha a brigada com o fusquinha dentro da ESEF, pegar o paciente, mas nisso, ele já tinha dado muitas voltas na ESEF (risos)”*. Quando ingressava na ESEF, os alunos iniciavam com uma turma e terminavam com a mesma turma, desta

forma criava-se um grande vínculo. *“O pessoal aprontava e se divertia. Era uma grande família no aprendizado, éramos todos irmãos naquele momento”.*

Pinheiro lembra que os jogos universitários gaúchos de estudantes de EFI era muito disputado e de alto nível, onde ele pode participar de alguns e vencer alguns. Aquele aluno que era atleta de alto rendimento, competitivo, adorava participar do Jogos Universitários Brasileiros (JUBS). Os JUBS eram promovidos pela confederação brasileira de desporto universitário, naquela época. *“Eram 15 dias que se passava fora do teu estado, justamente lá para cima do Nordeste. Quem é que não gostaria de ir para o Nordeste, pegar praia, competindo 3 ou 4 dias lá, depois o resto era folga. Temos gratas lembranças desses locais”.*

4.2.2 A Busca por Trabalho

“Como sou de origem família humilde, tinha que começar a trabalhar mais rápido possível. Teve o envolvimento com a ESEF e o CPOR, tinha que terminar o CPOR, foi bom para minha formação”. Com dois anos de ESEF, antes de se formar, o professor Pinheiro tinha que conseguir um emprego para gerar renda, desta forma, ele passou por várias escolas buscando uma oportunidade, até mesmo em escolas públicas, sem se lembrar que para escolas públicas o ingresso se dá por concursos. O professor conseguiu uma vaga na Escola Estadual Luís Dourado, atualmente extinto, de propriedade da família Dourado, que até então, Hélio Dourado era presidente do Grêmio Futebol Porto Alegrense, cuja a mãe dele era a diretora da escola. A experiência em EFI Escolar que o docente Pinheiro tinha, era das suas aulas de EFI como aluno na Escola São João, junto com o que aprendia na ESEF da UFRGS.

Quando Pinheiro foi ministrar as primeiras aulas não estando formado no colégio Luís Dourado, ele ficou nervoso, algo normal, e gradativamente foi melhorando a docência. *“É o que sempre digo, tu aprende muito ensinando, cada vez mais tu aprende, vai acabar te corrigindo, pois a teoria não te diz isso, te diz a prática, vai errando e vai conquistando as coisas”.* Indo de encontro com a citação de Paulo Freire (1996) "Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém.". Professor Pinheiro ficou por muitos anos na escola Luís Dourado, o lugar que deu a oportunidade de trabalhar com outros professores de EFI,

aprendendo muito, e as dificuldades/problemas de ministrar aulas, Pinheiro levava para discutir com os professores e colegas da ESEF.

4.2.3 Os Estágios Obrigatórios

Antes da formatura, havia a realização de dois estágios obrigatórios, no ensino fundamental e ensino médio. O estágio de ensino médio do professor Pinheiro foi na Escola Estadual Júlio de Castilhos, o famoso Julinho. Alguns professores da ESEF trabalhavam na escola, desta forma facilitava para os acadêmicos da ESEF fazerem o estágio, que era supervisionado pelo professor Francisco Neto. As aulas tinham que seguir a lógica de aquecimento, parte principal e volta à calma. Nesse período, Pinheiro tinha um “triângulo de aprendizado” para saber ministrar aulas de EFI Escolar, devido sua prática docente na escola Luís Dourado, experiências na sua antiga escola São João e os aprendizados da ESEF. *“A discussão com os colegas da ESEF nos estágios, corrigia muita coisa. Nós não éramos perfeitos, todo mundo tremia a perninha, mas o estágio foi muito bom. Era eu ministrando a aula, o professor supervisor e dois ou três observando tua aula”*. Pinheiro afirma que os professores estagiários ficavam mais preocupados com o professor supervisor observando, do que a aula em si.

As turmas dos estágios eram divididas por sexo e a idade da turma de estágio do professor Pinheiro eram de catorze anos para cima. O professor supervisor cobrava: postura, uniforme adequado e alinhado (não podia estar malvestido ou descabelado), voz alta de comando, posicionamento junto à turma, mostrar domínio da turma, domínio do conteúdo e terminar a aula no tempo correto. As aulas eram totalmente práticas, voltadas no que o acadêmico quisesse desenvolver, seguindo o plano pedagógico da escola, estipulado pelo professor titular da escola. *“Meu trabalho lá, era mais recreativo, voltado para o voleibol, no estágio dos pequenos era mais recreação. Sempre gostei mais de trabalhar com menores, nunca deixei de trabalhar com os grandes, mas meu atrativo era trabalhar com os pequenos. Eles vibram muito, querem sempre voltar de novo, serem os primeiros a chegar”*.

4.2.4 Os Aprendizados na ESEF

Pinheiro afirma que o aprendizado de como lecionar em uma aula de EFI, foi basicamente de acordo com os modelos que eram ministrados na ESEF, principalmente com o professor Francisco Camargo Neto, autor de alguns livros de ginástica na época. Que orientava o que era uma parte inicial, parte principal e volta à calma, o que se fazia e a forma que se realizava, e havia também os cadernos do Ministério da Educação e Cultura (MEC), que orientava alguma coisa. Um dos cadernos do MEC, o Plano de Educação Física e Desporto afirma que:

A educação moderna deve preparar a criança a atingir os seus objetivos de jovem e de adulto. Para que o homem pratique o desporto durante toda a sua vida, é preciso que em sua infância adquira o hábito e o costume de fazê-lo. Cabe à escola adaptar os seus programas e sua pedagogia de forma que tal hábito e dedicação fiquem profundamente arraigados. (1971, p. 9)

O docente entrevistado relata que dependia do acadêmico, se tivesse o interesse de ampliar os conhecimentos, ir para a biblioteca e pesquisar. *“Eu acho que a troca de vivências entre os colegas e os professores, acho que foi a parte principal. Não era dentro da sala de aula, era uma coisa fora da aula. Uma atividade extra que tu sentavas e discutias. E tu ir vivenciar nas escolas observando os colegas dando aula, era importante. Não tinha uma doutrina, não existia métodos para seguir”*. Existia apenas os métodos de ginástica, calistenicos que era mais militarizado. Professor Pinheiro também salienta que a medida que os tempos evoluem, o profissional tem que evoluir também. A forma de como ministrar a aula de EFI Escolar vai depender do professor, *“tu tens que conhecer a turma, criar vínculos para saber como é a melhor forma de se trabalhar naquela turma”*.

4.3 O PERCURSO PROFISSIONAL APÓS A ESEF

Quando professor Pinheiro saiu da Escola Luís Dourado, ele saiu com um grande aprendizado docente. Depois de formado, realizou concurso público na cidade de São Leopoldo, conseguindo aprovar, na escola que se localizava no bairro Feitoria. Depois, entorno de 1975, Pinheiro foi convidado a trabalhar na Escola Particular Sinodal de São Leopoldo, *“uma escola fortíssima, pagava muito bem, era importante. De manhã trabalhava no estadual e de tarde passava a trabalhar no particular”*. A partir desse ponto,

o professor começou a trabalhar com atletismo que é área que possui maior domínio e conhecimento.

Pinheiro também afirma que antes de ingressar no estado, ele também continuava treinando e competindo pela SOGIPA, como atleta mais maduro, participando de algumas competições, mas não com aquele ímpeto de treinar 3, 4 horas por dia, pois não tinha como conciliar, treinava como podia. Na SOGIPA, foi onde o professor aprendeu a formar novos atletas, de nível nacional inclusive. *“Fui patrocinado pela Coca Cola, uma multinacional que pagou tudo, porque meu atleta estava entre os 30 melhores do Brasil, um aluno de colégio que foi trabalho por mim em arremesso de peso, foi adotado pela Coca Cola que mandava tudo para nós, mesmo em São Leopoldo”*. O docente explica que ele e seu atleta, junto com outros do Brasil, faziam estágio uma vez por mês, com atletas e técnico estrangeiros. Como por exemplo, Bill Tobin campeão mundial de Decathlon, Bob Beaman recordista mundial de salto em distância, entre outros recordistas e campeões. *“Fiz estágio com eles, de 30 dias ficar com eles, conversando, tentando, trabalhando o que está certo, o que está errado. A Coca Cola e a Federação se preocupavam muito com isso, de levar os técnicos para fora e trazer os técnicos para cá”*.

Com esses estágios em 1979 e 1981, o professor ganhou muita experiência, sendo muito importante para sua trajetória profissional, pois surgiram outras oportunidades de trabalho além do atletismo. Teve a oportunidade de trabalhar como preparador de voleibol feminino da SOGIPA, sendo deca campeão estadual feminino. Como atleta, foi convidado para treinar no Esporte Clube Cruzeiro de Porto Alegre, *“Joguei, disputei campeonato pelo Cruzeiro de Porto Alegre, joguei pelo Grêmio Náutico Gaúcho e depois encerrei a carreira de atleta e fui me dedicar mais na parte profissional. Precisava ganhar dinheiro, era importante, não adianta ficar só no lazer, e assim fui indo”*. Em 1987, recebeu convite de trabalhar na UNISINOS, onde ajudou a construir a pista de atletismo como coordenador técnico, e começou a ministrar aulas de atletismo nesta instituição. Também em atletismo ministrar aulas na universidade FEEVALE e pós-graduação na fundação universitária de Bagé, antiga FUNBA, hoje chamada UNIPAMPA. *“Com antigos colegas, o Mario Brauner, Luís Fernando Moraes, Adroaldo Gaya, nós íamos no fim de semana em Bagé para trabalhar sexta de noite, sábado dia todo e domingo de manhã para depois retornar. Grandes experiências”*.

Além de passar por direções de escolas, Pinheiro realizou curso pelo comitê olímpico brasileiro em gestão esportiva. Terminou se aposentando coordenando os

JERGS, a convite do então secretário na época, José Fortunati. O professor acabou resgatando os JERGS, pois o partido político que estava no poder antes da gestão do docente deste estudo, tinha encerrado as atividades dos JERGS, criando jogos cooperativos da integração, que tinha uma proposta diferente. *“Os JERGS deram essa parada, eu fui um dos medalhistas do JERGS em 68, tanto que tentei resgatar, e hoje graças à Deus, está resgatada a memória dos jogos que tem mais de 40 anos, e o desporto escolar não pode ficar de fora nunca”*. O professor Pinheiro se aposentou nessa área de viés mais administrativo, como coordenador da EFI na secretária de educação, *“tentei ainda implantar, conseguimos implantar horário para treinamento esportivo na época, não sei como está hoje, incentivando os colegas professores a levar os alunos para práticas desportivas, que ao meu entender é muito importante isso”*.

4.3.1 Pós-graduação na ESEF

Ainda na escola Luís Dourado, o professor buscava melhorar, galgar mais coisas, adquirir novos conhecimentos. Dessa forma, conseguiu integrar a primeira turma de pós-graduação da ESEF da UFRGS, em 1976. *“Acabei ministrando uma que outra aula de como trabalhar musculação, com um aparelho recém-chegado, chamado de Gladiador. Um aparelho que fazia múltiplos exercícios”*. O professor Pinheiro relata que esse aparelho tinha chegado na SOGIPA também, e como ele na época ainda treinava no clube, o docente, junto com técnico Luís Carlos Flores e o professor Fredolino Taube, aprenderam algumas coisas sobre a máquina. *“Então eu tinha conhecimento sobre esse aparelho antes dos meus colegas de pós-graduação da ESEF. Eu acho que me sai bem, pois quem ganhava o certificado de pós-graduação somente quem tinha os conceitos A ou B, os demais eram reprovados”*.

O docente afirma que era exigente o curso de pós-graduação, tinha que ter um conhecimento mais aprofundado de Cinesiologia, Fisiologia, treinamento de alto rendimento, etc. Muitas das matérias ministradas no pós-graduação, foram ministradas pelos próprios colegas, quem sabia mais em determinada área. *“Muitos dos professores da própria ESEF, não tinha pós-graduação, ou seja, eles também fizeram pós-graduação e ministraram o que eles sabiam mais no curso, tinha que se aprofundar, foi bastante interessante isso aí”*. Pinheiro lembra que necessitava dominar os conteúdos desenvolvido no pós-graduação, para dessa forma saber o que estavam trabalhando com

atletas de rendimento. *“Com alunos não era nada, alunos tirávamos de letra. Mas a grande parte dos professores que fez a pós-graduação se direcionaram para o alto rendimento. Então dependia somente de nós estudarmos e aprendermos mesmo”*. A partir desse momento, o professor Pinheiro seguiu para ser técnico de atletismo e afirma ter conseguido sucesso em sua carreira. Até 2015, Pinheiro trabalhava no Centro Estadual de Treinamento Esportivo (CETE), onde conseguiu dois atletas expoentes, o Adão Viegas, que foi vice-campeão mundial de meia maratona, e a Carla Suzana, campeã sul-americana na prova de 5 mil metros, ambos da categoria máster. *“Depois de tantos anos, conseguir formar alguém mais, muito gratificante. Eu estou passando os anos, adquiri bastante conhecimento, que pude passar para essa criançada e o mesmo para o alto nível, consegui terminar bem pelo menos”*.

4.3.2 As Concepções Educacionais/Pedagógicas

Neste subitem foram reunidos além dos entendimentos pedagógicos do professor Pinheiro, fatos sobre as escolas da época que recorda e os valores primados pelo docente Pinheiro.

O professor relata que antigamente havia uma “espécie de inspetores” nas escolas, que fiscalizavam as aulas dos professores, independente da disciplina/matéria. Caso julgassem que os métodos dos docentes não estivessem adequados, eles conversavam com a direção da escola, para ajustes no ensino. *“Era uma época com um sistema mais rígido, seguir à risca”*. Também iam nas escolas médicos para avaliarem os alunos, que podiam habilitar ou não os discentes para realizarem as aulas de EFI. Outro fato que o professor afirma era que a EFI Escolar não reprovava. *“Era um componente de uma base curricular, mas não reprovava. Era por notas mesmo, se fazia algumas coisas que não se deveria”*. Muito utilizado como avaliação o teste de Cooper⁷, aquele aluno que tivesse melhor resistência cardiovascular ganhava maior nota. Além de avaliações práticas de desempenho, as notas/conceitos eram concedidas para os alunos que realizassem as atividades que eram solicitadas de maneira adequada, que participavam das aulas, com um número de faltas aceitáveis. *“Variava de escola para escola, de professor para professor. Mas a EFI não reprovava, simplesmente isso”*. Cabia ao professor saber

⁷ Um dos testes “de campo” mais empregados no meio esportivo é o de 12 minutos proposto por Cooper, que consiste em percorrer a maior distância possível nesse intervalo de tempo (SILVA *et al*, 2005).

motivar e manter atentos os discentes nas aulas, mesmo eles sabendo que não reprovava.

Na época passada, o professor Pinheiro gostava de trabalhar mais com crianças, e por ter sido um atleta competitivo, gostava também de trabalhar com o alto rendimento. Dessa forma, mesmo o docente trabalhando com crianças de maneira recreativa, Pinheiro visualizava o potencial das crianças em determinadas modalidades esportivas. Uma atenção para eventuais talentos. *“O que tu faz em uma aula de EFI Escolar é diferente da iniciação esportiva de uma determinada modalidade. Iniciação ao atletismo, iniciação ao voleibol, iniciação ao basquete. A iniciação esportiva é diferente daquilo que tu vais trabalhar dentro de uma aula de EFI Escolar, que deve ser generalizada”*. De acordo com Costa (1997), o treinamento com crianças deve ter uma preparação generalizada, em que o desenvolvimento é multilateral, propiciando maior variação de movimentos de modo a evitar a especialização precoce. Pinheiro também explica que primeiro o aluno deve aprender o movimento/técnica correta para que depois, possa se buscar o rendimento. E as atividades físicas têm que ser orientadas e bem-feitas, sem muita sobrecarga, para não atrapalhar o desenvolvimento das crianças. *“A atividade generalizada ajuda no desenvolvimento osteomuscular da criança”*.

O professor deste trabalho, apresentou na entrevista a questão do estímulo e desestímulo. Um docente que estimula seus alunos, motivando e corrigindo com paciência, ocasiona uma aula de EFI agradável, onde o aluno sente-se atraído a retornar e realizar de novo a aula, mesmo que não esteja fazendo bem. Já no desestímulo, um professor que não tem um cuidado na escolha das palavras, usando expressões como: *“Tá errado! Não é assim! Por que tu fez isso?!”*, a falta de paciência para com o aluno, pode acarretar uma antipatia por parte do discente com uma determinada modalidade esportiva, resultando um desgosto. *“Tu tem que estar sempre motivando, por mais que errado que esteja, tu motiva e dá uma alternativa. É isso que tu tem que fazer, sempre. Com crianças, jovens e adultos. É a forma de como tu se comunica”*. De acordo com Pinheiro, o professor de EFI tem que ter segurança no que está fazendo e o domínio da turma. As aulas de EFI tem que ser um atrativo, não ser maçantes. *“Tu tens que saber motivar os alunos de tal forma, que quando dizem: Hoje tem aula de EFI; a turma deve vibrar de alegria, todo mundo vibrar e fazer uma festa, se não tiver essa vibração, é sinal que tu és um mal professor (risos)”*.

O professor pinheiro, termina a entrevista com suas considerações finais sobre as escolas e a EFI. A EFI Escolar, por mais que seja um componente da base curricular, pode desaparecer. *“Está incrível passar de 3 sessões semanais para 1 ou no máximo 2 sessões semanais. A EFI se mantém apenas por estar na base curricular, nos planos pedagógicos tem que fazer, pois do contrário não existiria. É uma pena. Alguém está sabotando a EFI Escolar no Brasil”*. Com o avanço da informatização, o aumento do sedentarismo, a redução de espaços para práticas, a insegurança, entre outros fatores, a EFI Escolar possui uma importância maior. Pois pode ser um dos únicos momentos para oportunizar os alunos o contato com as práticas corporais e suas inúmeras possibilidades, para o desenvolvimento psicológico, social e físico. O docente relata que os professores de escolas públicas, aqueles que realmente querem ensinar, estão virando verdadeiros heróis, pois está complicado trabalhar. *“Nunca vão mudar minha ideia, eu acho que disciplina acima de tudo, nossa bandeira do Brasil tem aquelas palavras fantásticas. Com ordem se tem progresso, mas quando tem democracia demais... Hoje se tem mais direitos do que deveres”*.

Pinheiro afirma que se houvesse investimento maior na prevenção de doenças através da EFI, menos pessoas estariam em hospitais, diminuindo a superlotação. Um exemplo em que o docente expõe, de pequenos incentivos à prática de exercícios: *“A praça perto onde moro aqui, tem cerca de 1 km. Com a ajuda de minha esposa, a pouco tempo atrás, nós pegamos uma trena de 50 metros e medimos ao redor da praça na calçada, e pintamos uma marcação de 50 em 50 metros. Quando caminhávamos de manhã era entorno de 10, 12 pessoas caminhando também. Hoje tem mais de 30, 40 pessoas caminhando. Mas por quê? Porque havia alguma coisa escrita ali, dando um parâmetro na caminhada, terminando em 983 metros”*. O professor afirma que ao invés das pessoas ficarem presas dentro de suas casas, com vírus e bactérias, estão caminhando e conhecendo pessoas, praticando uma atividade física suave. *“É assim. Quem investe na educação e na prevenção, pela busca de saúde, só tem a ganhar. Um povo mais culto, mais evoluído e desenvolvido”*.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como podemos observar nas informações coletadas, devido ao uso de testes práticos para ingresso na ESEF, o perfil de aluno que conseguia integrar-se a ESEF por causa da maior facilidade com estes testes, era de pessoas com uma maior afinidade com algum esporte, sendo atletas sua maioria. Pois o Brasil da época, com o regime militar, tinha um incentivo à prática esportiva, o uso dos esportes para formar campeões e ter a imagem positiva de um País vitorioso.

Na ESEF do período de curso do professor Pinheiro, era muito recente o acontecimento da federalização, para se poder notar maiores benefícios deste vínculo com a UFRGS. Na questão de recursos e estruturas, não eram das melhores condições, mas nada que impedisse o aprendizado e formação de bons profissionais, e ainda estimulava a criatividade destes docentes com a improvisação de materiais e espaços. Esta criatividade um “benefício” pertinente/oportuno para se utilizar na realidade das escolas públicas.

As aulas na ESEF tinham a divisão de turmas por sexo, devido as concepções fisiológicas e culturais em que se acreditava na época. As aulas em sua grande maioria voltadas para práticas, onde acadêmico aprendia a ministrar aulas, através de treinos na ESEF, ele deveria ter a capacidade de executar corretamente as técnicas/gestos e saber as regras das modalidades esportivas. As disciplinas teóricas eram basicamente: Anatomia, Cinesiologia, Fisiologia e História da EFI. E as disciplinas prático-teóricas que o professor Pinheiro recorda: atletismo, voleibol, basquetebol, futebol, handebol, primeiros socorros, remo, boxe, ginástica de aparelhos, ginástica rítmica, natação, tênis e recreação.

O Corpo docente da ESEF era basicamente constituído por professores que eram campeões e especialistas em suas modalidades esportivas, professores com vínculos militares, e também haviam professores que eram médicos. Alguns professores além da atuação na ESEF, trabalhavam em escolas de ensino fundamental/médio e também como técnicos em clubes particulares.

Na época, de acordo com o professor entrevistado, não se tinha uma doutrina pedagógica, uma linha pedagógica padrão a se seguir para ministrar aulas nas escolas. Havia pouca literatura explanando sobre a docência, e já se tinha a conhecida estrutura do “aquecimento, parte principal e volta à calma”, que ainda permanece. Os docentes

formados na ESEF, basicamente repetiam o que se aprendia ao longo do curso, e o que se aprendia na faculdade condiz com o que conhecemos hoje, como Esportivismo. O professor afirma que o acadêmico aprendia na prática mesmo, com seus erros e acertos, ministrando aulas e que o diálogo, trazer problemas da docência para discutir com professores e colegas da ESEF, era uma importante fonte didática.

O professor Pinheiro possui as características da época, um vínculo esportivo e militar, desta forma familiarizado com a competição e a disciplina. Um professor que tem uma trajetória de vida venerável, com envolvimento e participação em diversas áreas da EFI, seja como atleta, professor, técnico ou em funções administrativas. Uma trajetória na qual podemos perceber a importância de sempre buscar um aprimoramento educacional/profissional e que ter vínculos, credibilidade com as pessoas podem levar a excelentes oportunidades.

Os fatos narrados pelo professor Pinheiro sugerem que além de sua formação na ESEF/UFRGS com ênfase Esportivista, as suas concepções pedagógicas aproximam-se com o modelo Desenvolvimentista e Saúde Renovada. O modelo Desenvolvimentista pela razão de sua preocupação em não ocasionar uma especialização precoce, visando uma EFI que proporcione ao aluno uma base de diversidade e complexidade gradual para um aumento no desenvolvimento motor dos discentes. Já na Saúde Renovada, suas afirmações se aproximam ao conhecido objetivo da realização de atividades físicas/exercícios físicos para uma promoção de saúde, aumento na qualidade de vida e adoção de hábitos saudáveis para o combate às doenças.

Quando o acadêmico ingressava na ESEF, ele seguia com a mesma turma do início ao fim do curso. Criando um grande elo com os colegas, onde Pinheiro relata que os inúmeros “fatos pitorescos” que ocorriam pelo curso unia mais ainda as turmas de graduação. Mostrando uma ESEF um pouco diferente da atual, uma ESEF possivelmente mais fraterna. Claro que devemos considerar que “os tempos” eram outros, um Brasil diferente, um mundo diferente.

Esta pesquisa veio com o intuito de ser uma das muitas “peças”, para completar o grande “quebra-cabeça” sobre a formação acadêmica na ESEF da UFRGS. Necessitando assim mais trabalhos, sobre professores formados em outras turmas e épocas diferentes, pois não existe uma verdade absoluta, mas sim pontos de vista. Estes trabalhos devem descrever a história e perfil do professor pesquisado, características educacionais e

estruturais da ESEF, características educacionais do nosso Brasil na época de estudo e atuação do entrevistado, e por fim interpretar que tipo de professor a ESEF formou.

REFERÊNCIAS

- BATISTA, Gustavo. A Educação Física Escolar no Período da Ditadura Militar: Análise de Depoimentos de Ex-alunos da Cidade de Brota/SP. [S.l.: s.n.], [20--?]. 8 p.
- BETTI, Mauro. Educação Física e Sociedade. São Paulo: **Movimento**, 1991.
- BETTI, Mauro;; ZULIANI, Luiz Roberto. Educação Física Escolar: Uma Proposta de Diretrizes Pedagógicas. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, [São Paulo], v. 1, n. 1, p. 73-81, jun./set. 2002.
- BRACHT, Valter. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. **Caderno CEDES**, Campinas, v.19, n.48, p. 69-88, 1999.
- BRASIL. Decreto-lei nº 705, de 25 de julho de 1969. Altera a redação do artigo 22 da Lei nº 4.024 de 20 de dezembro de 1961. **Diário Oficial da União**, Poder Executivo, Brasília, DF, v. 5, p. 47, 25 jul. 1969.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação física**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1997. 96 p.
- BRASIL. Lei nº 5.540, de 28 de novembro de 1968. Fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média, e dá outras providências. **Coleção de Leis do Brasil**, Brasília, DF, 28 nov. 1968 Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-5540-28-novembro-1968-359201-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acesso em: 12 dez. 2016.
- BRASIL. Decreto-lei nº 997, de 21 de outubro de 1969. **Diário Oficial da União**, Poder Executivo, Brasília, DF, 21 out. 1969. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1965-1988/Del0705.htm>. Acesso em: 12 dez. 2016.
- BRASIL. Ministério da Educação. Departamento de Educação Física e Desporto. **Plano de Educação Física e Desporto**. Brasília, DF, 1971.
- BRASIL. Ministério da Defesa. **Manual de campanha: Ordem Unida**. 3. ed. [S.l.: s.n.], 2000. Disponível em: <<http://www.cciex.eb.mil.br/index.php/publicacoes/73-manuais/172-manual-de-campanha-ordem-unida-c-22-5>>. Acesso em: 21 maio 2017.
- BRAUNER, Mario Roberto Generosi. Mário Roberto Generosi Brauner: depoimento, nov. 2004. Entrevistadores: Giovanni Frizzo. Transcrição: Camile Romero. Porto Alegre: ESEF/UFRGS, 2007. Transcritas 14 p. Entrevista concedida ao **CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE**.
- BROTTO, Fábio Otuzi. **Jogos Cooperativos: se o importante é competir, o fundamental é cooperar**. São Paulo: Cepeusp, 1995.
- CARVALHO, Marco Antônio Ávila de. Centro Natatório da Escola de Educação Física da UFRGS: Espaço de Transformações. 2010. 71 f. Trabalho de Conclusão de Curso

(Graduação em Educação Física) - Escola Superior de Educação Física, **Universidade Federal do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, 2010.

COSTA, Andreia Filipa. A criança e o treinamento desportivo de alto rendimento. **Revista Sprint Magazine**, [S.l.], v. 15, n. 91, jul./ago. 1997.

CHAGAS, Camila. Educação Física no Brasil: Apontamentos sobre as tendências constituídas até a década de 80. **EFDeportes.com**: revista digital. Buenos Aires, v. 15, n. 154, mar. 2011. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd154/educacao-fisica-no-brasil-tendencias-constituídas.htm>>. Acesso em: 22 dez. 2016.

DARIDO, Suraya Cristina. Os conteúdos da educação física escolar: influências, tendências, dificuldades e possibilidades. *Perspectivas em Educação Física Escolar*, Niterói, v. 2, n. 1, 50 p., 2001. Suplemento.

DARIDO, Suraya Cristina. Educação Física na escola: questões e reflexões. Rio de Janeiro: **Guanabara Koogan**, 2003.

DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL, Irene Conceição Andrade. Educação física na escola: implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: **Guanabara Koogan**, 2005.

DARIDO, Suraya Cristina. Caderno de Formação: formação de professores Bloco 02 - didática dos conteúdos. São Paulo: **Cultura Acadêmica**, 2012. v. 6.

DESLAURIERS Jean-Pierre. Recherche qualitative: guide pratique. Québec, CA: McGrawHill, 1991.

FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. O que significa Aprender no Âmbito da Cultura Corporal de Movimento. Atos de pesquisa em educação: **revista do Programa de Pós-Graduação em Educação da FURB**, Blumenau, v. 7, n. 2, p. 320-328, maio/ago. 2012. ISSN 1809-0354.

FERREIRA, Heraldo Simões; SAMPAIO, José Jackson Coelho. Tendências e Abordagens Pedagógicas da Educação Física Escolar e Suas Interfaces Com a Saúde. **EFDeportes.com**: revista digital. Buenos Aires, v. 18, n.182, jul. 2013. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd182/tendencias-pedagogicas-da-educacao-fisica-escolar.htm>>. Acesso em: 22 dez. 2016.

FONSECA, João José Saraiva da. Metodologia da pesquisa científica. Fortaleza: **UEC**, 2002. Apostila.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: **Paz e Terra**, 1996. 165 p.

GAYA, Adroaldo Cezar Araujo. **Adroaldo Cezar Araujo Gaya**: depoimento, abr. 2005. Entrevistadores: Karine Dalsin. Transcrição: Vicente Cabrera Calheiros. Porto Alegre: ESEF/UFRGS, 2008. Transcritas 18 p. Entrevista concedida ao CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE.

GERHARDT, Tatiana; SILVEIRA, Denise (Org). Métodos de Pesquisa. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2009.

GERMANO, José Willington. Estado militar e educação no Brasil (1964-1985). São Paulo: Cortez, 1994.

GOELLNER, Silvana *et al.* ESEF 70 Anos: o Processo de Federalização Sob o Olhar Discente. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, p. 11-36, 2010. Edição especial.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. Entre o “Não Mais” e o “Ainda Não”: Pensando Saídas do Não-Lugar da EF Escolar I. **Cadernos de Formação Rbce**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 9-24, set. 2009.

GUTIERREZ, Washington. Histórico da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: [s.n.], 1971. 1 folheto.

GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. Educação Física progressista: a pedagogia crítico-social dos conteúdos e a Educação Física. 6. ed. São Paulo: Loyola, 1988.

MAPA interno da ESEF. [2016]. Altura: 525 pixels. Largura: 663 pixels. 96 dpi. 24 BIT CMYK. 116 KB. Formato JPEG. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/esefid/site/campus/mapa>>. Acesso em: 29 dez. 2016.

MATOS, Júlia; SENNA, Adriana. **História Oral Como Fonte**: problemas e métodos. Rio Grande: *Histórias*, 2011.

MELLO, Rosângela Aparecida. **A necessidade histórica da Educação Física na escola**: a emancipação humana como finalidade. 2009. 282 f. Tese (Doutorado em Educação na linha Trabalho e Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

MOLINA NETO, Vicente. **Vicente Molina Neto**: depoimento, abr. 2005. Entrevistadores: Leon Kaminski. Transcrição: Luanda Dutra. Porto Alegre: ESEF/UFRGS, 2008. Transcritas 16 p. Entrevista concedida ao CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE.

NUNES, Cássio; MOLINA NETO, Vicente. O Processo de Federalização da ESEF/UFRGS Sob a Perspectiva dos Professores: o Estudo de um Caso. **Movimento**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p.167-190, maio/ago. 2005.

OLIVEIRA, Marcus Aurelio Taborda de. Educação Física Escolar e Ditadura Militar no Brasil (1968-1984). **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 28, n.1, p. 51-75, jan./jun. 2002

_____. Educação Física Escolar e Ditadura Militar no Brasil (1968-1984): Entre a Adesão e a Resistência. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 25, n. 2, p. 9-20, jan. 2004.

OLIVEIRA, Vitor Marinho de. **O que é Educação Física**. 4. ed. São Paulo: **Brasiliense**, 1983.

PEREIRA, Márcio. Educação Física: Fundamentos para Intervenção do Profissional Provisionado. Brasília, DF: **CREF7**, 2006.

PETERSEN, Ricardo Demétrio de Souza. **Ricardo Demétrio de Souza Petersen**: depoimento, set. 2004. Entrevistadores: Luanda Dutra e Camile Romero. Transcrição: Vicente Cabrera Calheiros. Porto Alegre: ESEF/UFRGS, 2008. Transcritas 20 p. Entrevista concedida ao CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE.

RAMOS, Jayr Jordão. **Os exercícios físicos na história e na arte**. São Paulo: Ibrasa, 1982.

SILVA, Adelino Sanchez Ramos da *et al.* Comparação entre métodos invasivos e não invasivos de determinação de capacidade aeróbia em atletas profissionais. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, São Carlos, v. 11, n. 04, jul./ago. 2005.

SOARES, Carmem Lúcia. Educação Física Escolar: Conhecimento e Especificidade. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, p. 6-12, 1996. Suplemento.

SOARES, Everton. Educação Física no Brasil: da Origem até os Dias Atuais. **EFDeportes.com**: revista digital. Buenos Aires, v. 17, nº 169, jun. 2012. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd169/educacao-fisica-no-brasil-da-origem.htm>>. Acesso em: 22 nov. 2016.

STIGGER, Marco Paulo. **Marco Stigger Paulo**: depoimento, maio 2010. Entrevistadores: Marco Antonio Ávila de Carvalho. Transcrição: _____. Porto Alegre: ESEF/UFRGS, 2010. Transcritas 21 p. Entrevista concedida ao Centro de Memória do Esporte.

TAUBE, Fredolino Adalberto Ricardo. **Fredolino Adalberto Ricardo Taube**: depoimento, out. 2002. Entrevistadores: Diósele de Souza Moura e Berenice Machado Rolim. Transcrição: Diósele de Souza Moura e Ester Rodrigues Leão. Porto Alegre: ESEF/UFRGS, 2003. Transcritas 23 p. Entrevista concedida ao Centro de Memória do Esporte.

THOMPSON, Paul. A voz do passado. São Paulo: **Paz e Terra**, 1992.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

APÊNDICE A – Roteiro da entrevista

1. Dados pessoais:
 - a. Nome:
 - b. Cidade de nascimento:
 - c. Data de nascimento:
 - d. Endereço residencial:
 - e. Telefone para contato:
2. Como surgiu o interesse pela Educação Física?
3. Como foi a prova de seleção para ingresso no curso? Havia prova Prática?
4. Em que período foi aluno da ESEF? Em quanto tempo concluiu a formação?
5. Sendo o senhor um dos alunos da primeira turma da ESEF pós integração com a UFRGS, o que poderia comentar sobre essa federalização da Escola?
6. Como foi a formação na ESEF? Como eram os professores? Que disciplinas foram cursadas? Havia disciplinas práticas e teóricas? Como eram?
7. Como era a relação com as/os colegas? Como era a rotina dentro da ESEF? Como era a infraestrutura da ESEF?
8. Como eram os uniformes?
9. Durante a graduação, existia estágios obrigatórios? Em escolas, clubes e/ou academias? Como foram?
10. Quais foram as maiores dificuldades durante a formação na ESEF?
11. Quais foram as maiores conquistas?
12. Qual é o significado da ESEF em sua trajetória pessoal e profissional?
13. Após a graduação, pretendia trabalhar em escolas ou em outras áreas?
14. Como foi ministrar aulas pela primeira vez nas escolas? Dificuldades e/ou Facilidades?
15. No ambiente escolar, preferia ministrar aulas para crianças ou adolescentes/jovens? Por quê?
16. Tendo em vista as concepções pedagógicas explicitadas nesse trabalho, o senhor se identifica com algum desses métodos em comparação com os utilizados nas suas aulas de Educação Física Escolar? Por quê?

17. Durante a formação na ESEF, os professores universitários apresentavam e/ou discutiam sobre métodos de ensino? Existia a discussão em alguma disciplina sobre as concepções pedagógicas emergentes na época?
18. Com o passar do tempo, seus métodos/abordagens de ensino foram mudando? Como?
19. As aulas de Educação Física Escolar eram essencialmente práticas ou também haviam aulas teóricas?
20. Existia a divisão das fases de uma aula de educação física em “aquecimento, parte principal e volta à calma”? Como funcionava? O que poderia destacar sobre a estrutura das aulas?
21. Como era a avaliação dos alunos nas aulas de Educação Física Escolar?
22. Como eram os alunos nas aulas de educação física escolar? Gostavam de fazer as aulas? Existia uma cultura maior pela prática de exercícios/esportes comparado com os dias atuais? Divisão de turmas por sexo?
23. Ao final da entrevista, perguntar se a entrevistado gostaria de destacar outras informações que não foram contempladas.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) Senhor (a): Carlos Guilherme Pinheiro

Gostaríamos de convidá-lo (a) para conceder uma entrevista sobre sua trajetória de formação na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Seu relato será de grande valia para nos auxiliar na preservação da memória desta instituição de ensino, contribuindo para o registro das práticas educativas presentes durante o período em que frequentaste a Escola.

Se você concordar em participar deste estudo, terá que responder a uma entrevista com um roteiro pré-elaborado, com o tempo máximo de duração previsto de uma hora. Seu relato é muito importante para que possamos levantar informações necessárias para nossos estudos, a partir da visão de quem vivenciou um determinado contexto de formação. A entrevista poderá ser gravada em áudio e/ou vídeo através de aparelhos digitais, tais como câmera filmadora e gravador de voz. Informamos, também, que sua entrevista poderá ser transcrita integralmente ou em parte, para fins de publicação dos resultados da pesquisa. Assim, solicitamos autorização para utilizarmos suas imagens captadas durante a filmagem da entrevista, bem como eventuais fotografias, para a produção de projetos audiovisuais (vídeo *clips*, documentários, etc.) e/ou projetos culturais (exposições, oficinas, etc.).

Esclarecemos que sua participação é totalmente voluntária, podendo o (a) senhor (a): recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento, sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa. Esclarecemos, também, que suas informações serão utilizadas sem fins comerciais. Com a sua permissão, as informações geradas a partir de seu depoimento poderão ser disponibilizadas (formas escrita e/ou visual) em plataformas sociais *online* do Núcleo de Estudos em História do Esporte e da Educação Física (NEHME) da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), bem como no *site* do mesmo, de livre acesso.

Informamos ainda, que o (a) senhor (a) não terá custos financeiros e nem será remunerado (a) por sua participação. Garantimos, no entanto, que todas as despesas decorrentes de sua participação na pesquisa serão ressarcidas, quando devidas. Adotaremos os cuidados necessários para evitar qualquer tipo de constrangimento relativo à pesquisa, embora sempre exista a possibilidade de riscos.

Caso o (a) senhor (a) tenha dúvidas ou necessite de maiores esclarecimentos, poderá contatar a qualquer momento a pesquisadora responsável, Professora Janice Zarpellon Mazo, no endereço profissional à Rua Felizardo, nº 750, Bairro Jardim Botânico, Porto Alegre – RS, CEP 90690-200, ou pelos telefones(51) 99579428/33883031, ou no endereço eletrônico janmazo@terra.com.br.

Por fim, é importante esclarecer que este estudo é parte integrante de um projeto maior, intitulado "Cenários Históricos e Socioculturais dos Esportes e da Educação Física no

Rio Grande Do Sul – Brasil", também aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS pelo número 27331.

O presente termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas devidamente preenchida, assinada e entregue ao (à) senhor (a).

POIATO ALVIM, 10 de MAIO de 2017

Entrevistador

Nome: BRUNO ALESSANDRO DE MELLO ALVES

Assinatura: BRUNO ALVES

Data: 10/05/17

Eu, CARLOS GUILHERME PINHEIRO, tendo sido devidamente esclarecido (a) sobre os procedimentos da entrevista, concordo em participar **voluntariamente** da pesquisa descrita acima. Permito a identificação de meu nome e o uso do áudio e vídeocaptados durante a entrevista para os fins descritos no presente termo. Declaro que recebi cópia deste documento.

Assinatura: Carlos Guilherme Pinheiro

Data: 10/05/2017

Em caso de algum tipo de restrição com relação ao uso do áudio e vídeo captados durante a entrevista, bem como os seus usos, favor utilizar o campo abaixo para maiores esclarecimentos.

